

# BLOGS: UMA ÁGORA NA NET

Catarina Rodrigues\*

## Índice

Introdução . . . . .	1
Uma nova esfera pública, ou talvez não . . . . .	4
As cartas íntimas e os <i>blogs</i> . . . . .	8
Regresso do publicismo? . . . . .	10
... Ou narcisismo? . . . . .	13
Do “eu” para a comunidade . . . . .	15
Identidades várias . . . . .	20
<i>Blogs</i> e jornalismo . . . . .	22
Classificação de <i>blogs</i> . . . . .	27
Conclusão . . . . .	29
Bibliografia . . . . .	32

## Introdução

O número crescente de *blogs* constitui um dos fenómenos mais marcantes da Internet na actualidade. Nasceu o mundo da blogosfera, um espaço onde a liberdade de escrita e a troca de opiniões parece ser total, tudo pode ser dito e publicado. *Blog* é uma abreviação que resulta das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores

---

\*Universidade da Beira Interior

registavam os eventos das viagens). Na realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato electrónico.

Os *blogs* são assim o principal elemento de estudo neste trabalho, uma tarefa complicada numa área em constante mutação, mas que levanta várias questões, talvez impulsionadas pelo facto desta temática envolver um número tão elevado de pessoas em todo o mundo, de todas as idades e de todos os extractos sociais. O presente trabalho irá centrar-se unicamente na análise de *blogs* portugueses. Tentaremos perceber se será possível aplicar o conceito de esfera pública defendida por Habermas aos *blogs* actuais? Recordemos as palavras do autor: “Por “esfera pública” entendemos antes de mais um domínio da nossa vida social na qual pode formar-se a opinião pública. O acesso à esfera pública está em princípio aberto a todos os cidadãos”<sup>1</sup>. Será importante perceber que a maioria dos *blogs* constitui novas aparições do “eu” no espaço público. A Internet vem permitir uma nova forma de mediação entre o público e o privado. Será que estamos perante o regresso da subjectividade, da afirmação do “eu” em forma de diário? Não estaremos também perante o regresso do publicista, termo que entretanto desaparecera e que consistia na existência de personalidades que escreviam nos jornais, e que apesar de não serem jornalistas, eram uma espécie de *opinion-makers*, intelectuais do século XIX que se perderam com a profissionalização do jornalismo e com o início da gestão industrial. Remetendo para a actualidade, podemos referir o caso de Pacheco Pereira, autor do *blog* Abrupto, completamente opinativo, que pode assim exemplificar o regresso do publicismo. Mas para além dum espaço de liberdade total, os *blogs*, ou pelo me-

---

<sup>1</sup> Habermas, Jürgen *cit.* por Rheingold, Howard. *Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996, p.341.

nos alguns deles, não serão também um exercício de narcisismo? Incluem-se imagens, poemas, entre tantas outras coisas e o objectivo não é mais que apresentar o próprio “eu” a uma determinada comunidade.

Interessante, e em paralelo com as ideias anteriores que abordam a afirmação do “eu”, será descortinar o conceito de comunidade virtual procurando descobrir em que medida poderá ele ser aplicado à blogosfera. Na verdade, estão criadas autênticas comunidades que expõem ideias livremente e trocam opiniões sobre os mais variados assuntos. Claro que nem todos os *blogs* poderão ser apelidados de comunidades virtuais. Mas, muitos deles são comunidades virtuais, uma vez que ao permitirem comentários e ao criarem links para outros *blogs* dão origem a uma comunidade que troca opiniões e faz comentários sobre ideias contidas noutros *blogs*. Este conceito de comunidade virtual remete para a ideia de esfera pública.

As comunidades virtuais constituem assim um conceito importante que deve ser clarificado no intuito de descobrirmos em que sentido pode ser aplicado aos *blogs*. Rheingold define-as da seguinte forma: “As comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço<sup>2</sup>”. Porém, o mesmo autor faz a seguinte observação: “as comunidades virtuais podem ajudar os cidadãos a revitalizar a democracia, mas também podem estar a atrair-nos para um atraente substituto do discurso democrático<sup>3</sup>”.

Tentaremos ainda abordar a questão das identidades com

---

<sup>2</sup> Rheingold, Howard. *Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996, p.18.

<sup>3</sup> Idem, p. 335.

base na obra “A vida no ecrã” de Sherry Turkle e também na tese de Doutoramento apresentada por Maria João Silveirinha “*A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*”.

Apesar do universo de *blogs* existentes ser extremamente vasto, não deixa de ser aliciante tentar fazer uma classificação dos mesmos por categorias. Uma tentativa que surge no seguimento do trabalho realizado por Paulo Querido e Luís Ene no livro *Blogs*. Os autores dividem esses “sítios” portugueses da seguinte forma: humor, informativos, ciência e investigação, cronistas, literários, políticos e históricos.

O universo da blogosfera será ainda comparado ao mundo do jornalismo. No nosso entender, estas são duas áreas distintas que não devem ser confundidas. Uma das principais características dos *blogs* portugueses prende-se com o facto de serem muito opinativos e pouco informativos. Muitos comentam a actualidade e vivem por isso de outros meios de comunicação, como por exemplo dos jornais e do agendamento destes. Para além disso, os jornalistas têm uma formação específica para o exercício da sua actividade ao contrário dos *bloggers*<sup>4</sup>.

### **Uma nova esfera pública, ou talvez não**

Um *blog* ou *weblog* é um diário publicado na Internet. Nos últimos tempos tem surgido um número crescente de *blogs* o que só vem provar que não se trata de um simples fenómeno passageiro. Qualquer pessoa pode ter o seu próprio sítio, dar a sua opinião e tecer comentários sobre os mais variados assuntos. Para isso basta ter um computador

---

<sup>4</sup> Utilizaremos o termo *blogger* ou *bloggers* para nos referirmos ao “dono” do *blog*, a pessoa que o edita e que também pode ser designado por blogueiro.

com ligação à Internet e mergulhar no mundo da blogosfera. Esta tarefa é a facilitada pela simples actualização das páginas que dispensa completamente os conhecimentos em HTML<sup>5</sup>, que por exemplo são necessários para a simples manutenção de outro tipo de páginas pessoais.

O espaço de liberdade no que diz respeito à troca de ideias parece ser total e em determinados pontos faz lembrar algumas ideias defendidas por Habermas. Na obra, *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, o autor fala do declínio da esfera pública burguesa e do surgimento do capitalismo industrial bem como da democracia de massas. Será por isso interessante, antes de passarmos à análise dos *blogs*, propriamente ditos, clarificar o conceito de esfera pública defendido por este autor, com especial destaque para a formação do espaço público moderno. Os conceitos modernos de público e privado nasceram na época do Iluminismo, apesar do conceito de espaço público já ser anterior enquanto forma que permitia a troca de opiniões entre os cidadãos, nomeadamente sobre assuntos de ordem política.

“A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas directamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social”.<sup>6</sup> As primeiras manifestações desta esfera pública burguesa surgem nos chamados “salões” e nos cafés

---

<sup>5</sup> Hypertext Markup Language, linguagem na qual se baseiam grande parte dos sites da World Wide Web e que permite a navegação por hipertexto.

<sup>6</sup> Habermas, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994, p. 42.

ou *coffee-houses*. Segundo o autor, o crescimento do público burguês foi possível devido à crescente transmissão de informação, principalmente a nível mercantil e financeiro.

Inicialmente, o público era constituído unicamente por homens, espaço cortante entre a Polis grega e o espaço doméstico mergulhado na exclusão. O uso da palavra e da acção era fundamental, o que só demonstra a importância da retórica grega para alcançar a notoriedade. Esta é a origem da ideia de espaço público baseado na dominação e no elitismo.

Habermas associa a esfera pública ao plano literário e ao plano da arte, apesar de existir um momento na história do iluminismo em que a arte perde a sua dimensão de poder. Antes das pessoas começarem a discutir questões políticas, discutiam literatura e tudo aquilo que as mobilizava. No século XVIII, aparece todo um conjunto de obras centradas na vida das pessoas comuns, dos burgueses, que tinham visibilidade na época.

Forma-se uma esfera pública composta por burgueses, que discutem o gosto e exprimem juízos críticos. Esta esfera pública funciona na prática como um laboratório de opiniões. O papel da arte deixa de ser representativo e liga-se ao quotidiano das pessoas. Os sentimentos começam a ser objecto da vida quotidiana. Os autores colocam as suas obras ao juízo crítico das pessoas vulgares e todos, pelo menos sob um ponto de vista ideal, podem pronunciar-se.

Segundo Habermas, foi na arte e na literatura que se criou este laboratório de debate, depois transposto para a política. A esfera literária politiza-se. As pessoas passam a discutir assuntos que dizem respeito à vida colectiva. É no século XVIII que a palavra público se estende a todos os que discutem a organização da vida colectiva.

Habermas atribui muita importância aos espaços infor-

mais de discussão. O autor refere algumas características importantes na esfera pública literária como a igualdade de estatuto. Ou seja, para um indivíduo se poder pronunciar não precisa ter um nome ilustre, apenas precisa ter uma capacidade argumentativa que lhe permita discutir. A liberdade de problematização é também um aspecto importante, uma vez que não há temas tabus e tudo pode ser discutido. Aqui começamos já a encontrar algumas semelhanças com a blogosfera, um espaço onde também tudo pode ser comentado e discutido.

No entanto, e segundo este mesmo autor, a esfera pública burguesa entra em decadência com o início do capitalismo industrial e da democracia de massas. “Na passagem do público que pensa a cultura para o público que consome cultura, o que anteriormente ainda se permitia que se distinguisse como esfera pública literária em relação à esfera política perdeu o seu carácter específico. “A cultura” difundida através dos meios de comunicação de massa é particularmente uma cultura de integração”<sup>7</sup>.

O conceito de esfera pública conheceu assim algumas mudanças, mas apesar de tudo, Habermas acredita nas potencialidades dos media em desenvolver públicos, embora adiante que não tenha sido esse o percurso seguido pelas sociedades contemporâneas. O autor introduz os públicos como espaços activos. As massas não são a única forma de sociabilidade que pode acontecer. Ao lado das massas amorfas existem públicos activos, críticos, participativos e racionais.

“A refuncionalização do princípio da esfera pública baseia-se numa reestruturação da esfera pública enquanto uma esfera que pode ser apreendida na evolução de sua instituição por excelência: a imprensa. Por um lado, na medida mesma

---

<sup>7</sup> Idem, p. 207.

de sua comercialização, supera-se a diferença entre circulação de mercadorias e circulação do público: dentro do sector privado, apaga-se a nítida delimitação entre esfera pública e esfera privada. Por outro lado, no entanto, a esfera pública, à medida que a independência de suas instituições só pode ser ainda assegurada mediante certas garantias políticas, ela deixa de ser de modo geral exclusivamente uma parte do sector privado”<sup>8</sup>.

À medida que se forma uma escrita especializada e aumenta o número de leitores, aumenta também o gosto pela privacidade. Se há algo que caracteriza o iluminismo é o individualismo profundo. O espaço público é uma associação pública de pessoas privadas. Habermas acredita que os media têm possibilidade de dar origem ao debate, aos temas que dizem respeito à vida comunitária. A imprensa aparece ligada à formação da opinião pública e não é possível pensar em opinião pública sem pensar num espaço público onde os media se movimentam.

### **As cartas íntimas e os *blogs***

Voltando novamente um pouco atrás no tempo, é bom lembrar que é no público do século XVIII que aparecem as cartas e os diários íntimos. Surge a consciência do privado e da autonomia como algo essencial para a formação do público. O espaço público não é apenas um espaço de regulamentação da Polis, ele implica um tratamento da identidade. Acredita-se que para a formação de um público saudável cada “eu” tem que reconhecer a importância da sua relação com os outros. “O século XVIII é uma época de expansão das cartas, em que notas íntimas, relatos de viagens ou mera cortesia, passam a ser essenciais para a troca

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 213.



de informação”<sup>9</sup>. Existe um espaço de pessoas privadas que constituem a sua autonomia individual porque reconhecem que o seu “eu” é resultado do seu relacionamento com o outro. O reconhecimento por parte de outrem assume grande importância porque o próprio facto de ser é também ser reconhecido.

Curiosamente, grande parte dos *blogs* existentes hoje em dia são, nem mais nem menos que diários íntimos, onde os seus autores vão, através de *posts*, expondo a sua vida pessoal, tornando esses relatos públicos. Alguns *blogs* constituem novas aparições do “eu” no espaço público. Emitem opiniões pessoais, muitas vezes sobre a própria vida de cada um, outras vezes sobre assuntos de ordem política, social ou cultural. A Internet vem permitir uma nova forma de mediação entre o público e o privado. Será que estamos perante o regresso da subjectividade, da afirmação do “eu” em forma de diário? De certo modo sim. Os *blogs* são na sua génese parecidos com um diário íntimo. Se o seu autor colocar nele exposições sobre a sua vida pessoal, essas informações estarão disponíveis para todo um público que a elas tenha acesso, graças às potencialidades da Internet.

Reportando a Habermas, “na esfera da intimidade da pequena família, as pessoas privadas consideram-se independentes também em relação à esfera privada de suas actividades económicas”<sup>10</sup>. Segundo o autor neste período, ao escrever cartas, o indivíduo desenvolve-se na sua subjectividade. “O diário íntimo torna-se uma carta endereçada ao emissor; a narrativa em primeira pessoa, um monólogo interior dirigido a receptores ausentes: experiências equiva-

---

<sup>9</sup> Santos, Rogério. *Novos media e o espaço público*. Lisboa, Gradiva, 1998, p. 10.

<sup>10</sup> Habermas, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994, p. 65

lentes à subjectividade descoberta no interior das relações da intimidade familiar”<sup>11</sup>. Porém, o autor pretende ser reconhecido por outros. Ao disponibilizar determinadas informações on-line o *blogger*, espera que um determinado público venha a ler esses mesmos dados, pessoas que podem ou não identificar-se com esse “eu”. “Modificam-se as relações entre autor, obra e público: tornam-se relacionamentos íntimos entre pessoas privadas, onde os interesses de ordem psicológica se orientam para o humano, tanto para a introspecção quanto para a empatia mútua entre as pessoas privadas interessadas”<sup>12</sup>. A esfera pública, vem assim, segundo Habermas ampliar a esfera da intimidade pessoal e familiar. Também os *blogs* vêm possibilitar uma enorme ampliação de factos que dizem respeito à vida e às ideias defendidas por cada um. Outra ideia interessante avançada pelo mesmo autor e que pode também ser aplicada ao caso actual verificado na blogosfera, é o facto da subjectividade do indivíduo privado estar ligada à publicidade. Mas falar deste assunto implica fazer uma abordagem ao conceito de publicidade defendido por Habermas e a todas as mudanças que se lhe seguiram com a introdução da indústria de massas.

### **Regresso do publicismo?**

Antes de mais importa dizer que Habermas fala muito do conceito de publicidade, no sentido de atribuição de visibilidade, de tornar público e não no conceito comercial de publicidade que temos hoje. “Outrora, a “publicidade” teve de ser imposta contra a política do segredo praticada pelos monarcas: aquela “publicidade” procurava submeter a pessoa ou a questão ao julgamento público e tornava as de-

---

<sup>11</sup> Idem, p. 66.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 67.

cisões políticas sujeitas à revisão perante a instância da opinião pública. Hoje, pelo contrário, a publicidade se impõe com a ajuda de uma secreta política dos interesses: ela consegue prestígio público para uma pessoa ou uma questão e, através disso, torna-se altamente aclamável num clima de opinião não-pública”<sup>13</sup>. O mesmo autor adianta ainda que “se, no começo, dentro de uma imprensa diária motivada em primeiro lugar politicamente, a reorganização de certas empresas sobre uma base exclusivamente comercial podia representar tão somente uma simples possibilidade de investimento capaz de gerar lucros, em breve isto se tornou uma necessidade para todos os editores”<sup>14</sup>.

Associado ao conceito de publicidade surge o conceito de publicista, ou seja, uma personalidade que escrevia em jornais que, apesar de não ser jornalista, era uma espécie de *opinion-maker*, um intelectual do século XIX que dava a sua opinião sobre os mais variados temas. Esse publicista acabou por desaparecer com a profissionalização do jornalismo e com o início da gestão industrial. Com o fenómeno dos *blogs*, não estaremos perante o regresso do publicismo? Não estaremos novamente perante personalidades que sem serem jornalistas publicam a sua opinião, comentam e dão informações sobre variados temas? Veja-se por exemplo o caso de José Pacheco Pereira, autor do *blog Abrupto*<sup>15</sup>, completamente opinativo, com textos em jeito de crónicas, que pode assim exemplificar o regresso do publicismo. O euro deputado do Partido Social Democrata, figura pública e reconhecida a nível nacional aderiu à blogosfera. Um tema que chegou a ser notícia nos jornais de referência. O caso

<sup>13</sup> Habermas, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994, p. 235.

<sup>14</sup> Idem, p. 217.

<sup>15</sup> <http://abrupto.blogspot.com>

do *Abrupto* é apenas um exemplo, muitos outros podiam ser referidos. Mas o *Abrupto* ganhou grandes proporções e acredita-se que fez mesmo aumentar o número de *blogs* existentes em Portugal. O seu autor transmite opiniões sobre vários quadrantes da vida social e cultural, mas curiosamente pouco sobre política. Os textos, alguns de cariz mais pessoal e íntimo, não são publicados nos jornais e difundidos pela imprensa, mas são publicados num *blog* e a verdade é que determinados comentários tomam grandes proporções e são novamente comentados noutros *blogs*, por vezes passam mesmo para as páginas da imprensa escrita e para os noticiários televisivos. Um desses casos é citado no livro *Blogs* de Paulo Querido e Luís Ene, e prende-se com o *Muito Mentiroso* onde durante algum tempo foram publicadas informações sobre o processo Casa Pia. José Pacheco Pereira denunciou desde logo o caso, utilizando para isso o *Abrupto*. Para além de comentários e ideias próprias, Pacheco Pereira publica ainda neste *blog*, imagens, poemas e até extractos de livros, o que pode permitir a aplicação do termo “narcisismo”, de que falaremos mais adiante.

“Não é por acaso que os entusiastas dos *blogs* e *weblogs* consideram o *self publishing* o futuro da Internet: ou seja, haverá, de certo modo, um regresso ao publicismo e ao jornalismo opinativo. O século XIX terminou, graças à publicidade, com o jornalismo de opinião. Surgiram um conjunto de géneros (a notícia, a reportagem), que implicaram a formação de normas organizacionais, convenções narrativas, modelos de gestão industrial e o aparecimento de profissionais especializados”<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Correia, João Carlos. *Novo jornalismo – CMC e Esfera Pública in Mundo Online da Vida e Cidadania. Informação e Comunicação Online*, Volume III. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2003.

### ... Ou narcisismo?

Os *blogs* existentes actualmente são imensos, e falamos só do universo português, o que permite múltiplas classificações dada a sua variedade. Já falámos destes sítios como novas aparições do “eu” no espaço público e abordámos o regresso do publicismo. Há pouco dissemos que existem *blogs* onde são publicadas imagens, poemas e outras coisas. O objectivo é apresentar o próprio “eu”, o autor apresenta-se a si próprio de forma exaustiva. Não serão por isso alguns *blogs* um exercício de narcisismo? Para chegarmos a uma conclusão basta dar uma olhadela por alguns exemplos. Enquanto algumas pessoas utilizam esta nova ferramenta proporcionada pela Internet como uma forma de debater temas da actualidade, que marcam a agenda política, social, cultural, etc., outros há que fazem dos *blogs* uma oportunidade para se apresentarem e apresentarem a sua própria vida.

Ao abordar a questão do narcisismo, Gilles Lipovetsky, diz que ele “não é de modo nenhum a última retracção de um Eu desencantado pela “decadência” ocidental e precipitando-se de corpo e alma no gozo egoísta. Nem nova versão do “divertimento”, nem alienação – a informação nunca foi tão desenvolvida -, o narcisismo abole o trágico e surge como uma forma inédita de apatia feita de sensibilização epidérmica ao mundo e de profunda indiferença em relação a ele: paradoxo que explica parcialmente a plethora de informações que nos assaltam e a rapidez com que os acontecimentos mass-mediatisados se expulsam uns aos outros, impedindo toda e qualquer emoção duradoura”<sup>17</sup>.

Para o autor o narcisismo é um efeito do crescimento de uma lógica social individualista com origem no século XIX.

---

<sup>17</sup> Lipovetsky, Gilles. *A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio d' Água, 1989, p. 50.

“O narcisismo é uma resposta ao desafio do inconsciente: instado a redescobrir-se, o Eu precipita-se num trabalho de libertação interminável, de observação, de interpretação”. Lipovetsky acrescenta “cada indivíduo deve “dizer tudo”, libertar-se dos sistemas de defesa anónimos que se opõem à continuidade histórica do sujeito, personalizar o seu desejo por meio de associações “livres””<sup>18</sup>.

Alguns *blogs* assinalam a importância do “eu” em diversos domínios, mas curiosamente enquadram-nos na sociedade. Trata-se de uma espécie de aproximação do que é privado ao que é público, proporcionada actualmente pelas novas tecnologias da *web*. Para Lipovetsky, é o inconsciente que abre caminho a um narcisismo sem limites. “Para que o deserto social seja viável, o Eu deve tornar-se a preocupação central: não importa que a relação seja destruída, contando que o indivíduo seja levado a absorver-se em si próprio. Assim, o narcisismo, realiza uma estranha “humanização” aprofundando a fragmentação social: solução económica para a “dispersão” generalizada, o narcisismo, numa circularidade perfeita, adapta o Eu ao mundo de onde nasce”<sup>19</sup>.

O indivíduo ao olhar para si próprio e apresentar-se procura, no entanto ser olhado por outros. Muitas pessoas encontraram nos *blogs* um espaço de libertação e uma forma de tornar pública uma individualidade, algo privado e pessoal. “O narcisismo, nova tecnologia de controlo flexível e autogerido, socializa dessocializando, põe os indivíduos de acordo com um social pulverizado, glorificando o reino da plena realização do Ego puro”.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Idem, p. 52.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>20</sup> Ibidem

## Do “eu” para a comunidade

Se as considerações anteriores abordaram a afirmação do “eu” como uma das características dos *blogs*, também não esqueceram que eles podem constiur uma nova esfera pública que faz lembrar as ideias defendidas por Habermas e que permitem a livre discussão e a publicação de ideias sobre os mais variados assuntos.

As novas tecnologias e as novas formas de comunicação reconfiguram espaços. Quase todos os *blogs* incluem nas suas páginas *links* para muitos outros, em jeito de recomendação para uma visita. Desta forma criam-se círculos que dão origem a uma rotina e a uma comunidade. O leitor de um determinado *blog* acaba por ir espreitar outros, ler o que dizem e se for também autor de um desses *sites*, talvez até comente determinadas situações que vê num “espaço” vizinho. Se existir o sistema de comentários, muito bem, se não existir pode comentar com um *post* no seu próprio *blog*. Estão assim constituídas as já denominadas *webrings*<sup>21</sup>.

Para falar em *webrings* e conseqüentemente em comunidades virtuais é importante que os *blogs* disponham da ferramenta “comentários” de forma a possibilitar que qualquer pessoa comente o que lê. Um exemplo disso é o *Ponto Media*<sup>22</sup>, que fala sobre a blogosfera e sobre o mundo dos media e da comunicação. Em Portugal, muitos *blogs* ainda não dispõem desta opção. Mas como em tudo, há exceções à regra. Trata-se de uma ferramenta importante porque permite

<sup>21</sup> Segundo Raquel Recuero, o termo *webrings* serve para definir círculos de *blogueiros* que lêem os seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são ligados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos *posts* entre os vários indivíduos (Recuero, Raquel. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*, BOCC, 2003).

<sup>22</sup> <http://www.ciberjornalismo.com/pontomedia.htm>

que os visitantes de um determinado *blog* escrevam comentários sobre os assuntos que lêem e não só. Apesar de tudo, é necessário ter em conta que, se este sistema de comentários pode permitir o debate e a troca de ideias, pode também ter um lado negativo, uma vez que nem todos os visitantes de um *blog* contribuem para a discussão saudável. Podem lançar confusões, até porque, se assim o desejarem, a sua verdadeira identidade muito dificilmente será conhecida. No entanto, “a quantidade de presenças negativas é muito inferior à participação dos que pretendem contribuir para o debate ou apresentar uma opinião. Os sistemas de comentários são muito importantes para a criação de uma comunidade entre o *blogger* e os seus leitores, não sendo, no entanto, indispensável, isto é, o relacionamento pode estabelecer-se através de correio electrónico ou de outros meios”<sup>23</sup>. Não é assim obrigatório o sistema de comentários para que o debate seja possível. Quem lê habitualmente *blogs* já reparou que os seus autores se citam frequentemente uns aos outros. Isso deve-se em grande parte à lista de *links* que cada um integra na sua página e que permite uma espécie de viagem, por vários sites, deste modo cria-se uma rotina de visitas que cada vez se vai tornando maior, tal como o número de *blogs* existentes.

“À semelhança do que acontece na sociedade, a criação e formação de comunidades é intrínseca à Internet”<sup>24</sup>. Assim, a ideia de uma afirmação do “eu” não é a única característica dos *blogs*, é apenas uma característica de alguns entre tantas outras. Por outro lado, que até parece paradoxal, estão criadas autênticas comunidades que expõem ideias livremente e trocam opiniões sobre os mais variados assun-

<sup>23</sup> Barbosa, Elisabete e Granado, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto. Porto Editora. 2004, p. 47.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 41.



tos. Claro que nem todos os *blogs* poderão ser apelidados de comunidades virtuais, mas muitos deles são. Ao permitirem comentários e ao criarem *links* para outros criam uma comunidade que troca opiniões e faz comentários sobre ideias contidas noutros *blogs*. Este conceito de comunidade virtual remete para a ideia de esfera pública também já abordada neste trabalho.

Rheingold define comunidades virtuais como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”<sup>25</sup>. Ora, os *blogs* não podem ser confundidos com *chats* onde a conversa decorre em tempo real. Mas os *blogs* permitem que a discussão aconteça dado o grande número de pessoas que aderiu a esta nova “moda da *net*”. Permite mesmo que determinados assuntos se debatam durante um período considerável de tempo e que as discussões entre *bloggers* se tornem uma prática corrente, até porque com o tempo se vão estabelecendo relações de cumplicidade ou discórdia.

“O fenómeno do sucesso dos *weblogs* está intimamente relacionado com a criação de comunidades. Ao contrário do que muitos *bloggers* consideram, todos os que publicam informação na Internet têm público, ou seja, qualquer autor de um *weblog* acabará, com o tempo, por ter leitores, mais ou menos fiéis<sup>26</sup>”. Mesmo os autores mais centrados na apresentação do seu “eu” acabam por ter leitores que podem ou não identificar-se com eles, gerando controvérsias que ultrapassam os seus interesses imediatos. Os *blogs*

<sup>25</sup> Rheingold, Howard. *Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996, p.18.

<sup>26</sup> Barbosa, Elisabete e Granado, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto, Porto Editora. 2004, p. 41.

têm a capacidade de conseguir agregar uma rede à sua volta que é impulsionada pelos assuntos abordados nos mesmos. É notável a existência de *blogs* sobre jornalismo por exemplo, sobre política, música, literatura, cinema e tantas outras coisas. O humor por si só é uma característica que consegue reunir à partida um enorme número de *bloggers* e utilizadores. À volta de determinados temas reúnem-se verdadeiras comunidades virtuais que partilham, discutem e acrescentam ideias e opiniões. Tudo isto acontece graças à facilidade técnica de manter este fenómeno vivo. No entanto é necessária uma actualização constante para que os visitantes não fiquem defraudados. Quando isso não acontece, a vida de um *blog* é curta, uma vez que não responde ao requisito mais exigido: a actualização constante. “A comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais”<sup>27</sup>.

A troca livre de ideias possibilitada a todos, para além de remeter para a esfera pública, lembra ainda o conceito de democracia. Estes aliás parecem ter nascido em conjunto. “O conceito de esfera pública tal como proposto por Habermas e outros, incorpora diversas provas de autenticidade reconhecidas pelos indivíduos que vivem em democracia: livre circulação, participação voluntária e não institucionalizada na vida pública, geração da opinião pública através de reuniões de cidadãos envolvidos no discurso racional, liberdade de exprimir opiniões e de discutir assuntos do Estado e de criticar a forma como é organizado o poder do Estado”<sup>28</sup>. Mas o mesmo autor faz a seguinte observação: “as

<sup>27</sup> Recuero, Raquel. *Comunidades virtuais – Uma abordagem teórica*. BOCC, 2003.

<sup>28</sup> Rheingold, Howard. *Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996, p. 343.

comunidades virtuais podem ajudar os cidadãos a revitalizar a democracia, mas também podem estar a atrair-nos para um atraente substituto do discurso democrático”<sup>29</sup>. Os *blogs* parecem de certo modo revitalizar a democracia, na medida em que, todos os que assim o desejarem (e desde que tenham acesso à Internet) podem ter um espaço seu, para dar opinião sobre os mais diversos aspectos. A liberdade de participação e expressão é total, desde que cada um tenha o seu *blog*, ou que transmita as suas ideias através do já abordado sistema de comentários que apenas é disponibilizado em determinadas páginas. De certo modo, os *blogs* permitem uma nova forma de socialização, algo que vem para renovar a democracia cuja principal característica é precisamente a liberdade de expressão. Mas é bom lembrar que, tal como diz Maria João Silveirinha “como qualquer outro *médium*, por detrás das promessas de maior participação democrática há certos riscos para a liberdade e para os valores democráticos. A facilidade com que os novos media organizam redes de sociabilidade com potencial positivo também tem, naturalmente, o reverso da medalha que é a igual facilidade de organizar as mais obscuras relações e comunidades”<sup>30</sup>. Para além disso é necessário ter em conta que, no nosso país e em muitos outros, apesar do progresso dos últimos anos, o número de pessoas sem acesso à Internet é ainda muito elevado o que faz com que as discussões e opiniões reflectidas nos *blogs* não sejam mais alargadas e democráticas.

---

<sup>29</sup> Idem, p. 335.

<sup>30</sup> Silveirinha, Maria João, *A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*. Texto policopiado, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001, p. 360.

## Identidades várias

Os *blogs* oferecem a possibilidade de apresentar, ou não, o seu autor, assim como permitem a criação de novas identidades. “Na tradição democrática, o sujeito não é apenas o sujeito dos direitos individuais do liberalismo. É também alguém que constrói a sua identidade pessoal e colectiva através das relações com outros indivíduos. É esta identidade fundamentalmente social que o indivíduo constitui e expressa no processo de reconhecimento que ocorre no espaço público. O espaço público é, pois, uma arena das relações sociais e políticas onde as identidades colectivas e individuais se constituem e integram”<sup>31</sup>. Com os *blogs* surge todo um conjunto de novas identidades. Se por um lado há autores que assumem a sua identidade real, dão o seu verdadeiro nome, responsabilizando-se assim por todas as suas afirmações e comentários, outros há que utilizam nomes fictícios, assumem novas identidades e agem como se o seu “eu” fosse aquele que está ali. Todos se perguntavam quem é na realidade “o meu pipi”<sup>32</sup>, mas a resposta nunca surgiu, mesmo depois de várias hipóteses terem sido avançadas. A verdade é que “o meu pipi” continuou a escrever livremente no seu *blog*, “escondido” atrás de uma identidade imaginária que podia ser diferente da sua vida real. “A problemática da identidade conheceu um novo desenvolvimento com as novas tecnologias da comunicação. A Internet parece feita à medida de uma modernidade tardia marcada pela emergência do pluralismo e pela ênfase nas particularidades individuais”<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> Idem, p. 339.

<sup>32</sup> <http://www.omeupipi.blogspot.com>

<sup>33</sup> Correia, João Carlos. *Alice nas janelas do ecrã: algumas reflexões sobre identidade e género na era da net*, Ágora Net – Revista de Novos Media e Cidadania, n.º 3, 2003.

Indivíduos ou grupos constroem a sua identidade integrando-se numa comunidade ou separando-se dela, afirmando-se assim pela autonomia e diferença em relação aos outros. “Para se protegerem, alguns autores de *weblogs* utilizam uma alcunha ou um nome falso, acabando por preferir não revelar outras informações como o local onde vivem ou pessoas que conhecem”<sup>34</sup>. Maria João Silveirinha diz que “a identidade oscila constantemente entre a semelhança e a diferença, entre aquilo que nos torna idênticos a nós próprios e aos outros e aquilo que, ao mesmo tempo, nos torna indivíduos únicos. A identidade é construída neste duplo movimento de assimilação e diferenciação”<sup>35</sup>.

No livro *A vida no ecrã*, Sherry Turkle constata que os utilizadores assumem novos papéis e constroem identidades na Internet. Não se pense que unicamente as pessoas com dificuldade de inserção em sociedade ou com dificuldades de comunicação aproveitem a *net* para assumir uma nova identidade. Muitos são os que aproveitam a Internet para assumir um novo “eu”, ou talvez o seu próprio “eu”. Veja-se o grande número de *blogs* cujo autor é desconhecido e que, nem por isso, são menos lidos. Se inspiram mais ou menos confiança ao leitor, isso já é outra questão.

Os *blogs* representam sempre alguém, alguém que revela assim várias facetas da sua personalidade. O *blog* possibilita a publicação do “eu” do indivíduo diariamente. “A Internet é outro elemento da cultura do computador que contribuiu para encararmos a identidade como multiplici-

<sup>34</sup> Barbosa, Elisabete e Granado, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto, Porto Editora. 2004, p. 47.

<sup>35</sup> Silveirinha, Maria João, *A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*. Texto policopiado, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001, p. 4.

dade. Nela, as pessoas têm a possibilidade de construir uma personalidade alternativa entre muitas personalidades diferentes”<sup>36</sup>. Ao adoptarem uma nova identidade, os indivíduos constroem um mundo à sua maneira, aquele mundo que gostavam que fosse o seu. Os *blogs* permitem que qualquer “eu” com qualquer identidade diga o que pensa e que, provavelmente, não diria de outra forma. “Quando atravessamos o ecrã para penetrarmos em comunidades virtuais, reconstruímos a nossa identidade do outro lado do espelho. Esta reconstrução é o nosso trabalho cultural em curso”<sup>37</sup>. Um facto importante que convém realçar é que a questão das identidades implica a partilha de horizontes de identificação com outrem.

### ***Blogs e jornalismo***

Logo que apareceram os *blogs* houve quem os identificasse (pelo menos a alguns) com o jornalismo. De facto, existem alguns que se caracterizam sobretudo pela informação que transmitem, expõem opiniões e chegam mesmo a fazer entrevistas o que em tudo os aproxima ao jornalismo. No entanto, e no nosso entender, estas são duas áreas distintas que não devem ser confundidas. Uma das principais características dos *blogs* portugueses prende-se com o facto de serem muito opinativos e pouco informativos. Um grande número de sítios, mesmo que se inclua na área da comunicação, tece comentários sobre a actualidade e vive por isso de outros meios de comunicação, como por exemplo dos jornais e do agendamento destes. As principais notícias do dia, que vêm a público, através da imprensa, televisões e rádios, são mui-

<sup>36</sup> Turkle, Sherry. A vida no ecrã. A identidade na era da Internet. Lisboa, Relógio d’Água, 1997, p. 263.

<sup>37</sup> Idem, p. 261.

tas vezes alvo de análise por parte dos *bloggers*, análises por vezes interessantes que dão origem a debates e novos comentários. Mas a verdade é que nem os *blogs* são jornalismo, nem os *bloggers* jornalistas, que têm uma formação específica para o exercício da sua actividade. Qualquer pessoa, de qualquer profissão ou área de interesse pode aderir ao mundo da blogosfera cuja principal característica é ser livre e aberta a todos. Mas a verdade é que a blogosfera não exige técnicos qualificados ou profissionais especializados para publicar seja o que for. Aos jornalistas é exigido acima de tudo rigor, num processo que deve passar pela pesquisa, selecção de dados e sua confirmação para depois se proceder à redacção de notícias de forma a que estas sejam difundidas para um grande público. “Os *blogs* carecem de algumas das capacidades necessárias para o bom desempenho do jornalismo, tais como o acesso a várias fontes, a edição dos textos, a imparcialidade. Num órgão informativo, as notícias são editadas e revistas no âmbito da hierarquia existente nas redacções, a informação recolhida é confirmada em várias fontes”<sup>38</sup>.

Não devemos no entanto descurar a possibilidade deste meio poder vir a alterar o agendamento dos temas em discussão na sociedade. Uma tarefa, até aqui conferida aos media. Um exemplo disso, e saindo agora um pouco do meio português, foi a segunda guerra do Golfo, em 2003. Alguns *blogs* assumiram-se como importantes espaços informativos e para além de permitirem a multiplicidade de opiniões, lançaram mesmo novas informações sobre o assunto. A capacidade de mobilização da opinião pública para um determinado tema pode encontrar nestes sites um meio perfeito, uma vez que se tratam de espaços onde é possível mostrar o

<sup>38</sup> Barbosa, Elisabete e Granado, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto, Porto Editora. 2004, p. 52

reverso da medalha, isto é, outros pontos de vista sobre uma mesma questão, o que é, sem dúvida saudável. É no entanto necessário ressaltar o facto de estes mesmos espaços não reunirem a seriedade e deontologia da restante imprensa. A forma de acesso às fontes, a imparcialidade e o estado de impunidade para os autores anónimos dos *blogs* são factos a ter em conta.

“Percebe-se que, ao disporem pela primeira vez de uma forma de acesso directo às massas, até há pouco tempo reservada a uma elite (a classe jornalística), os cidadãos se embriaguem com tal poder e se entusiasmem com a possibilidade do acesso directo às fontes, a consulta de visões diferentes do enfoque típico dos jornais e a emissão das suas próprias versões dos acontecimentos”<sup>39</sup>. Os *blogs* dependem muito da personalidade do seu autor, são escritos por uma ou mais pessoas que se conhecem, que têm qualquer afinidade ou motivação em comum, são sempre um pouco pessoais, o que no jornalismo não pode acontecer nos cânones actualmente vigentes de profissionalismo.

A aproximação entre *bloggers* e jornalistas pode ser importante uma vez que ambos trabalham com assuntos que interessam à sociedade, em menor ou maior grau. Os jornais e *blogs* têm algo em comum, para além da actualidade, permitem a aproximação com o público. O interesse dos jornalistas pelos *blogs* é notável, mas também o interesse dos *bloggers* pelo jornalismo é evidente, uma vez que há imensos que tratam assuntos relacionados com os media e com o mundo da comunicação. Assumem-se com espaços privilegiados de opinião, análise e discussão sobre várias áreas temáticas, incluindo o jornalismo. Um desses exemplos é o

---

<sup>39</sup> Querido, Paulo e Ene, Luís. *Blogs*. Lisboa, Centro Atlântico, 2003, p. 26.



*Ponto Media*<sup>40</sup>, um *blog* de António Granado, onde é possível encontrar informações sobre o mundo da comunicação com ligações a artigos sobre esta temática, para além discussões sobre vários assuntos, um deles debateu por exemplo: o que são os *weblogs*? Este sítio dispõe do sistema de comentários, o que permite ao seu autor obter um *feedback* por parte dos visitantes. Assim sendo, este *blog*, à semelhança de muitos outros assume-se como um espaço reflexivo possibilitando a análise e a discussão.

Outra curiosidade interessante na ligação dos *blogs* ao jornalismo é a sua utilização crescente por alunos e professores desta área. *Jornalismo e Comunicação*<sup>41</sup>, foi uma das primeiras experiências realizadas em Portugal na utilização deste tipo de *sites* no sistema de ensino. Trata-se de um trabalho colectivo criado no âmbito do mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho. Com início em Abril de 2002, tem desde então problematizado várias temáticas relacionadas com as Ciências da Comunicação. Para além disso expõe análises, sobretudo a artigos de imprensa, e permite comentários. “Os *weblogs* não só são uma ferramenta muito fácil de pôr em prática, como se podem tornar num importante instrumento de comunicação entre os seus autores, a comunidade onde se inserem e a sociedade em geral. Numa escola, os *weblogs* podem ajudar alunos e professores a comunicar mais e melhor, sem necessidade de grandes recursos tecnológicos ou financeiros, bastando apenas uma ligação à Internet”<sup>42</sup>. Outro exemplo de um *blog* utilizado ao nível do ensino, desta vez numa licenciatura e também na Universidade do Minho é a *Aula de*

<sup>40</sup> <http://www.ciberjornalismo.com/pontomedia.htm>

<sup>41</sup> <http://www.webjornal.blogspot.com>

<sup>42</sup> Barbosa, Elisabete e Granado, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto, Porto Editora. 2004, p. 69.

*Jornalismo*<sup>43</sup> que dá sobretudo informações sobre o curso e sobre as várias actividades desenvolvidas. Disponibiliza ainda ligações para os vários *blogs* dos alunos que têm a possibilidade de publicar trabalhos realizados. Experiências idênticas a esta parecem continuar, uma delas está também já em vigor na Universidade do Porto, onde no *blog-jornal* se procura profissionalismo e se esquecem *blogs* parecidos a diários íntimos ou onde predomina o narcisismo, trata-se do *JornalismoPortoNet Weblog*<sup>44</sup>. Associada a esta ideia surgiu recentemente, também na licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto o *JornalismoPortoRadio*<sup>45</sup> cuja novidade reside no facto de pretender disponibilizar algumas produções radiofónicas realizadas pelos alunos. O *blog* constitui um instrumento de apoio às aulas de rádio e disponibiliza textos e artigos de opinião sobre o tema. Estão também disponíveis entre outras coisas, várias ligações a *blogs* e rádios nacionais, bem como *links* sobre a história da rádio para informar correctamente os futuros jornalistas e todos os interessados nesta arte.

As vantagens na utilização de *blogs* para o ensino parecem assim um dado adquirido que promete dar muito que falar. Trata-se de aproveitar todas as potencialidades que a Internet pode oferecer, porque esta nova ferramenta é fácil de pôr em prática e facilita a transmissão de informação entre professores e alunos. Para além disso são um espaço aberto a todos os interessados e à comunidade em geral.

---

<sup>43</sup> <http://auladejornalismo.blogspot.com>

<sup>44</sup> <http://blog.icicom.up.pt>

<sup>45</sup> <http://www.icicom.up.pt/blog/jpr>

## **Classificação de *blogs***

Se é difícil analisar os *blogs*, dada a grande diversidade existente é ainda mais complicado fazer uma classificação dos mesmos. Numa área em constante mutação e crescimento é visível a variedade de temáticas abordadas onde transparecem múltiplas identidades e flúem diversas tendências, gostos, preocupações, tudo porque cada autor é único e os *blogs* resultam principalmente da personalidade de quem os cria e os alimenta. A todas estas dificuldades acresce-se ainda o facto de muitos ficarem inactivos enquanto a cada momento surgem outros novos, e falamos apenas dos portugueses.

Raquel Recuero distinguiu duas grandes categorias de *weblogs*: diários electrónicos e publicações electrónicas. Os diários electrónicos dizem respeito à vida pessoal de cada indivíduo, funcionando como diários íntimos. As publicações electrónicas caracterizam-se sobretudo pela informação que transmitem acerca de um determinado assunto (normalmente têm um tema central), sendo que os comentários pessoais são evitados. Recuero fala ainda de uma terceira categoria de *weblogs* que são as publicações mistas que resultam precisamente da mistura das duas categorias anteriores, ou seja, de um misto de informação com comentários pessoais. Mas, na verdade, se olharmos para um conjunto de *blogs* verificamos de imediato novas categorias, que até se podem integrar nas mencionadas anteriormente. Em Portugal, os primeiros a aventurarem-se nesta árdua tarefa da classificação foram Paulo Querido e Luís Ene que separam os *blogs* da seguinte forma: humor, informativos, históricos, ciência & investigação, literários, cronistas, políticos, directórios e internacionais.

De facto, a classificação por categorias transmite uma percepção mais real da imensidão que a blogosfera adquiriu,

os temas são quase tantos como o número de autores existentes. Não é que uma classificação seja necessária, mas não deixa de ser aliciante e até importante para chegar a algumas conclusões. Com base na divisão feita por Paulo Querido e Luís Ene, avançámos também para uma catalogação de *blogs* a título de exemplo. Existem muitas semelhanças com a que foi feita pelos autores mencionados, mas tentámos adequar essa classificação a este trabalho. Assim sendo, incluímos na classificação, as seguintes grandes categorias: diários íntimos, publicistas ou cronistas e jornalísticos (jornalismo, comunicação e media). Podemos ainda falar em diferentes temas ou subcategorias que podem ou não integrar-se nas categorias anteriormente mencionadas. São eles: políticos, humor, literatura, ciência e investigação, históricos e cultura. Claro que esta atribuição surge a título exemplificativo do universo que podemos encontrar na blogosfera portuguesa, que é, sem dúvida alguma, muito mais amplo. Outros temas poderiam aqui ser incluídos, porque a cada dia surgem novas iniciativas, novas áreas a que é dado destaque. Concluímos que nada impede que um *blog* inserido numa determinada categoria não se insira também noutra. Por outro lado, todos têm um pouco de histórico porque vão acumulando um arquivo, vão deixando toda uma história para trás. No entanto, considerámos como históricos alguns *blogs* que se referem a momentos importantes da história de Portugal ou do mundo. Na literatura descobrimos um aspecto interessante que só vem realçar a importância que os *blogs* adquirem a cada dia que passa. Realizou-se o primeiro concurso de literatura para *blogs*, que segundo o regulamento teve por objectivo “estimular a escrita, bem como a livre troca de ideias”. A preocupação e o cuidado com a escrita são aliás, características que quase todos têm em comum, apesar de haver excepções. Apesar dos facto-

res que os possam unir, há também sempre alguma coisa que os distingue uns dos outros. Um trabalho muito complicado que exige sobretudo tempo e que talvez seja possível aprofundar numa próxima oportunidade. Apresentamos em anexo a lista de *blogs* que, para além de ter contribuído para a realização deste trabalho, é exemplificativa de uma possível tipificação futura, mais aprofundada.

### **Conclusão**

Chegados à conclusão deste trabalho é tempo de explicar algo que ainda não foi feito até aqui, o porquê do seu título: *Blogs – Uma ágora na net*. Recorde-se que a *ágora* era a praça pública onde se realizavam as assembleias (do povo e do exército, por exemplo) e reuniões de carácter comercial, cívico, político e religioso na Grécia Antiga, um espaço onde todos podiam expor as suas ideias, sugestões e propostas. Para muitos, essa *ágora* foi o verdadeiro berço da democracia, uma vez que aí os cidadãos praticavam a liberdade de pensamento e expressão em domínios como as artes, a política e a filosofia. Acontece que os *blogs* constituem um espaço onde qualquer pessoa (que tenha acesso à Internet) pode dizer o que pensa sobre um determinado assunto, um espaço que proporciona a troca de conhecimento e muitas vezes impulsiona o debate. Transpomos assim a *ágora*, que ocupava na sua génese um espaço físico, uma praça pública delimitada, para um espaço virtual proporcionado pela Internet.

Esse espaço de liberdade total no que diz respeito à troca de ideias permitiu que aplicássemos o conceito de esfera pública defendido por Habermas. A importância atribuída por este autor aos espaços informais de discussão é atribuída também por nós aos *blogs*, que permitem a igualdade

de estatuto, na medida em que qualquer indivíduo se pode pronunciar com liberdade de problematização, uma vez que todos os assuntos podem ser abordados. Segundo Habermas, a esfera pública burguesa entrou em decadência com o início do capitalismo industrial e da democracia de massas. Ora com o aparecimento dos *blogs* são permitidas novas aparições do “eu” no espaço público, o que dá origem a uma nova forma de mediação entre o público e o privado. Estamos perante a subjectividade da afirmação do “eu” em forma de diário, porque os *blogs* são isso mesmo, um diário em formato electrónico. É também este fenómeno que vem permitir o regresso do publicismo, que havia desaparecido com a profissionalização do jornalismo e com o início da gestão industrial. Os intelectuais que davam a sua opinião nos jornais do século XIX, sem serem jornalistas, parecem estar de volta e assinam verdadeiras crónicas nos *blogs*, alguns dos textos publicados conseguem ser bem melhores do que muitos dos artigos de opinião publicados na imprensa escrita. Observamos também que o principal objectivo de muitos *bloggers* é apresentarem-se a si próprios de forma exaustiva, por vezes até de forma narcisista e exibicionista, utilizando para tal fotografias, poemas e as mais variadas imagens. Trata-se de uma lógica que tem a sua origem no século XIX e que parece agora repetir-se. O indivíduo apresenta-se a si próprio, mas no fundo procura que a sua individualidade seja reconhecida pelos outros.

Os *blogs* partem sem dúvida da iniciativa pessoal e resultam dos gostos e tendências do seu autor ou autores, mas acabam por dar origem à existência de verdadeiras comunidades. Através dos *links* criados na página de cada um destes *sites*, que por sua vez, conduzem a outros, e através do sistema de comentários, que cada vez mais é permitido, surgem as comunidades a que podemos chamar virtuais. Claro

que nem todos podem ser chamados ou incluídos em comunidades virtuais, mas alguns deles são. Finalmente, com os *blogs* surge todo um conjunto de processos de construção de identidades. Indivíduos ou grupos constroem a sua identidade integrando-se numa comunidade ou separando-se dela, afirmando-se assim pela autonomia e diferença em relação aos outros. Os *blogs* permitem que qualquer “eu” com qualquer identidade diga o que pensa, opiniões que possivelmente não transmitiria de outro modo.

Os *blogs* não podem ser considerados jornalismo, apesar de existirem alguns que se caracterizam essencialmente pela informação que transmitem. Estes sítios carecem de algumas das capacidades necessárias para o bom desempenho desta actividade, tais como o acesso a várias fontes, a imparcialidade e a edição dos textos. O estado de impunidade para os autores dos *blogs*, muitas vezes anónimos, é também um facto a ter em conta. Mas, chegámos à conclusão que a aproximação entre *bloggers* e jornalistas pode ser importante uma vez que ambos trabalham com assuntos que interessam à sociedade, em menor ou maior grau. Não se podem confundir as duas actividades.

Os *blogs* assumem-se como espaços privilegiados de opinião, análise e discussão sobre várias áreas temáticas, incluindo o jornalismo e têm a possibilidade de ser utilizados no ensino como já verificámos. Trata-se de um fenómeno que tem cada vez mais adeptos e que parece não parar de crescer. Acreditamos que o nascimento de um *blog*, seja ele de que natureza for, tem por objectivo, ser lido por alguém. A sua classificação por categorias torna-se complicada, porque envolve cada vez mais pessoas, cada uma com sensibilidades próprias. Uma classificação, que para ser mais rigorosa, exigiria mais tempo e uma pesquisa intensiva. Não será de todo arriscado dizer que os *blogs* são

uma área onde ainda há muito por explorar, e que não parará de crescer, porque haverá sempre quem queira apostar mais no seu *blog*. A tecnologia está aí para dar uma ajuda.

### **Bibliografia**

- BARBOSA, Elisabete, GRANADO, António. *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto, Porto Editora, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. O Poder da Identidade*. Volume II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- CORREIA, João Carlos. *Alice nas janelas do ecrã: algumas reflexões sobre identidade e género na era da net*, *Ágora Net – Revista de Novos Media e Cidadania*, n.º 3, 2003.
- CORREIA, João Carlos. *Novo jornalismo – CMC e Esfera Pública* in *Mundo Online da Vida e Cidadania. Informação e Comunicação Online*, Volume III. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Lisboa, Instituto Piaget, col. Epistemologia e Sociedade, 2000.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa, Instituto Piaget, Col. Epistemologia e Sociedade, 1994.



- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio d' Água, 1989.
- QUERIDO, Paulo e ENE, Luís. *Blogs*. Lisboa, Centro Atlântico, 2003.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica*. BOCC, 2003.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*. BOCC, 2003.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Warblogs: Os Blogs, a Guerra do Iraque e o jornalismo on-line*. BOCC, 2003.
- SANTOS, Rogério. *Os novos media e o espaço público*. Lisboa, Gradiva, 1998.
- RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996.
- SILVEIRINHA, Maria João. *A conformação das identidades nas democracias liberais. Comunicação e mediações sociais*. Texto policopiado, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- TONINELO, Carmela. *Abrace os blogs: Um estudo empírico sobre o processo de recepção em weblogs*. Texto policopiado, monografia de conclusão do curso de Jornalismo. Universidade de Vale do Rio dos Sinos, 2003. Disponível em: [www.meltoni.com/monografia-carmelatoninelo.htm](http://www.meltoni.com/monografia-carmelatoninelo.htm)

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã. A identidade na era da Internet*. Lisboa, Relógio d'Água, 1997.

WOLTON, Dominique. *E depois da Internet? Para uma teoria crítica dos novos medias*. Lisboa, Difel, 2000.

ZAMITH, Fernando. *Blog-jornais: As experiências da Universidade do Porto*, BOCC, 2003.

## **Anexos**

### **Lista de Blogs**

#### ***Grandes categorias:***

#### **Diários Íntimos**

Nome: **Crônicas Matinais**

Subtítulo: Pedacos de escrita, ideias e sensações. Coisas de pele.

Endereço: <http://www.cronicasmatinais.blogspot.com/>

Autor: Ana

Sistema de comentários: tem

Nome: **Diário de um desconhecido**

Subtítulo: “Eu abro-te a porta do voyerismo, porque tu não me conheces. . . Mas, depois de aberta passas a conhecer-me”.

Endereço: <http://www.diariodesconhecido.blogspot.com/>

Autor: Rita Duarte

Sistema de comentários: tem

Nome: **Marciana**

Subtítulo: não tem

Endereço: <http://www.marciana.org/>

Autor: Rita Duarte

Sistema de comentários: tem

Nome: **Voz do Deserto**

Subtítulo: não tem

Endereço: <http://www.vozdodeserto.blogspot.com/>

Autor: Tiago de Oliveira Cavaco

Sistema de comentários: não tem

Nome: **Vistalegre**

Subtítulo: Algumas palavras no shaker; plenas de sentimento

Endereço: <http://vistalegre.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: tem

### **Publicistas ou cronistas**

Nome: **Abrupto**

Subtítulo: ...M' espanto às vezes, outras m' avergonho...  
(Sá de Miranda)

Endereço: <http://abrupto.blogspot.com/>

Autor: José Pacheco Pereira

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Aviz**

Subtítulo: Comentários e delírios. *We have no more beginnings*. George Steiner

Endereço: <http://aviz.blogspot.com/>

Autor: Francisco José Viegas

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Barnabé**

Subtítulo: O que é que tem o Barnabé que é diferente dos outros?

Endereço: <http://barnabe.weblog.com.pt/>

Autor: Barnabé Rebelo de Sousa

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Contra a Corrente**

Subtítulo: "Liberty is liberty, not equality or fairness or justice or human happiness or a quiet conscience."

Isaiah Berlin

Endereço: <http://www.contra-a-corrente.blogspot.com/>

Autor: Carlos

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Dicionário do Diabo**

Subtítulo: Um blog de Pedro Mexia

Endereço: <http://www.dicionariododiabo.blogspot.com/>

Autor: Pedro Mexia

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Janela Indiscreta**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://janela-indiscreta.blogspot.com/>

Autor: Ana Alves, António Rebelo, Cristina Fernandes, Lúcia Pereira, Luís Rei e Marta Almeida

Sistema de comentários: Tem

**Nome: Mar Salgado**

Subtítulo: Mar de opiniões, ideias e comentários

Endereço: <http://www.marsalgado.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Não tem

**Nome: Opinion Desmaker**

Subtítulo: Desfazedor de rebanhos

Endereço: <http://www.opiniondesmaker.blogspot.com/>

Autor: António

Sistema de comentários: Não tem

**Narcisistas****Nome: aDeus**

Subtítulo: Como dar um beijo nas próprias costas

Endereço: <http://a-deus.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Não tem

**Nome: A Espada Relativa**

Subtítulo: trapézio numa lâmina de dois gumes

Endereço: <http://espadarelativa.blogspot.com/>

Autor: anónimo

Sistema de comentários: tem

**Nome: Ana...**

Subtítulo: não tem

Endereço: <http://anafms.weblogger.terra.com.br/>

Autor: Ana Silva

Sistema de comentários: não tem

Nome: **Jazz Morto**

Subtítulo: Os dias do cão

Endereço: <http://www.jazzmorto.blogspot.com/>

Autor: Ricardo Bernardo

Sistema de comentários: Não tem

### **Jornalismo, comunicação e media**

Nome: **Aula de Jornalismo**

Subtítulo: Weblog das turmas de jornalismo da  
Universidade do Minho

Endereço: <http://aulajornalismo.blogspot.com/>

Autores: Docentes e alunos

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Indústrias Culturais**

Subtítulo: Weblog sobre pesquisas e leituras que estou a  
fazer no domínio das indústrias culturais.

Endereço: <http://industrias-culturais.blogspot.com/>

Autor: Rogério Santos

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Fim do Jornalismo**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://fimdojornalismo.blogspot.com/>

Autor: Joel

Sistema de comentários: Tem

**Nome: Jornalismo e Comunicação**

Subtítulo: Trabalho colectivo criado no âmbito do mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho.

Endereço: <http://www.webjornal.blogspot.com>

Autores: Alunos e docentes do mestrado

Sistema de comentários: Tem

**Nome: JornalismoPortoNet Weblog**

Subtítulo: Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

Endereço: <http://blog.icicom.up.pt>

Autores: Alunos e docentes do curso

Sistema de comentários: Tem

**Nome: JornalismoPortoRadio**

Subtítulo: Trabalho colectivo criado no âmbito do mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho.

Endereço: <http://www.icicom.up.pt/blog/jpr>

Autores: Alunos e docentes do curso

Sistema de comentários: Tem

**Nome: Ponto Media**

Subtítulo: Weblog de António Granado

Endereço: <http://cibernalismo.com/pontomedia.htm>

Autor: António Granado

Sistema de comentários: Não tem



Nome: **Teorias da Comunicação**

Subtítulo: Textos sobre comunicação, apontamentos, notas de leitura e roteiros de aulas

Endereço: <http://teorias-comunicacao.blogspot.com/>

Autor: Rogério Santos

Sistema de comentários: Não tem

*Subcategorias*

**Políticos**

Nome: **Blogue de Esquerda**

Subtítulo: Política, cultura, ideias, manifestos e etc.

Endereço: <http://bde.weblog.com.pt/>

Autores: José Manuel Silva e Mário Deniz Silva

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Blogue Social Português**

Subtítulo: *Alternativus globalis ssp lusitanicus*

Endereço: <http://blogosocialportugues.blogspot.com/>

Autor: Paulo Pereira

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Bloguitica**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://bloguitica.blogspot.com/>

Autor: Paulo Gorjão

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **De Direita**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://dedireita.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Geopolítica**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://geopolitica.weblog.com.pt/>

Autor: Nuno Sousa

Sistema de comentários: Tem

Nome: **O Sedentário**

Subtítulo: Jornada a jornada, para lá da espuma

Endereço: <http://osedentario.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Tem

## **Humor**

Nome: **Blogue dos Marretas**

Subtítulo: Marretada neles!

Endereço: <http://marretas.blogspot.com/>

Autores: Animal, Statler e Waldorf

Sistema de comentários: tem

Nome: **Gato Fedorento**

Subtítulo: Um blog com opiniões, nenhuma das quais devidamente fundamentada.

Endereço: <http://www.gatofedorento.blogspot.com/>

Autores: Tiago Dores, Miguel Góis, Ricardo de Araújo Pereira e Zé Diogo

Sistema de comentários: não tem

Nome: **O Meu Pipi** (desactualizado)

Subtítulo: Blog a pisar o risco do mau gosto, mas sem o ultrapassar.

Endereço: <http://omeupipi.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: tem

### **Literatura**

Nome: **Citador**

Subtítulo: Blogue de Divulgação de Citações, Aforismos, pensamentos e Opiniões Literárias do Site

Citador.pt

Endereço: <http://citador.weblog.com.pt/>

Autor: PNS (Anónimo)

Sistema de comentários: Tem

Nome: **ENE COISAS**

Subtítulo: Sim, é mesmo isso. Ene coisas sobre ler e escrever. Daqui e dali.

Endereço: <http://milmaisumaleiturascom.net/>

Autor: Luís Ene

Sistema de comentários: Tem

**Nome: Escrita Ibérica**

Subtítulo: Literatura, terrorismo social e psicoterapia crítica

Endereço: <http://escritaiberica.weblog.com.pt/>

Autor: Fernando Esteves Pinto

Sistema de comentários: Tem

**Nome: MARE TRANQUILLITATIS**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://www.mardatran.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Não tem

**Nome: O Miradouro**

Subtítulo: cercar com um muro de palavras um terreno vasto de ideias

Endereço: <http://omiradouro.blogspot.com/>

Autor: Carlos

Sistema de comentários: Tem

**Ciência e Investigação****Nome: A aba de Heisenberg**

Subtítulo: A incerteza como princípio

Endereço: <http://abaheisenberg.blogspot.com/>

Autores: Vários

Sistema de comentários: Tem

Nome: **A Formiga de Langton**

Subtítulo: Ciência, complexidade, vida artificial, auto-organização, novos media e sociedade.

Endereço: <http://a-formiga-de-langton.blogspot.com/>

Autor: AntColony

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **A Geo(B)lógia**

Subtítulo: Tudo o que nunca quis saber sobre geologia...

Endereço: <http://geoblogia.blogspot.com/>

Autor: Nelson Santos

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Médico explica medicina a intelectuais**

Subtítulo: São tantos os dislates que se ouvem e lêem, por vezes inconscientes, que decidi esclarecer quem me procurar, para que os jornalistas (e outros intelectuais!) sejam o veículo para os 'media' não fomentarem e iliteracia científica.

Endereço: <http://medicoexplicamedicinaaintelectuais.blogspot.com/>

Autores: UBAR – União dos blogs anónimos responsáveis.

Sistema de comentários: Não tem

**Nome: Metablogue**

Subtítulo: Espaço de recolha de observações, considerações e reflexões sobre os blogues e o blogging.

Endereço: <http://www.metablogue.weblog.com.pt/>

Autores: Joaquim Paulo Nogueira, João L. Nogueira, Bruno Sena Martins, Pedro Fonseca, Paulo Querido e Ferran Moreno.

Sistema de comentários: Não tem

**Nome: Socioblogue**

Subtítulo: Diário de campo: observações, reflexões e interrogações sociológicas.

Endereço: <http://a-formiga-de-langton.blogspot.com/>

Autor: João L. Nogueira

Sistema de comentários: Não tem

**Históricos****Nome: Estudos Sobre Comunismo**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://www.estudossobrecomunismo.weblog.com.pt/>

Autor: José Pacheco Pereira

Sistema de comentários: Tem

**Nome: {Guerra Civil Espanhola}**

Subtítulo: Estudos sobre a guerra civil espanhola

Endereço: <http://1936-1939.blogspot.com/>

Autor: T. Ribeiro

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Tempore**

Subtítulo: A cronos.

Endereço: <http://tempore.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Tem

### **Cultura**

Nome: **Arte-Factos**

Subtítulo: Weblog sobre cultura dos alunos de Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

Endereço: <http://icicom.up.pt/blog/artefactos/>

Autores: Alunos de Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

Sistema de comentários: Tem

Nome: **Cinema Paraíso**

Subtítulo: Comentários, críticas e opiniões sobre cinema em geral, neste caso sobre filmes vistos no passado e no presente.

Endereço: <http://cinemaparaiso.blogs.sapo.pt/>

Autor: Marizza

Sistema de comentários: Tem

Nome: **É a cultura, estúpido**

Subtítulo: Página oficial dos encontros mensais “É a cultura, estúpido”. Com um bocado de sorte será também o diário cultural que toda a gente tem estado à espera.

Endereço: <http://cultura-estupido.blogspot.com/>

Autor: Anónimo

Sistema de comentários: Não tem

Nome: **Tasca da Cultura**

Subtítulo: Não tem

Endereço: <http://tascadacultura.blogspot.com/>

Autor: O Bom Selvagem

Sistema de comentários: Tem